

SESSÕES DO PLENÁRIO

60ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 28 de novembro de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO LUCIANO SIMÕES FILHO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Bom-dia a todos!

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia da Consciência Negra no Estado da Bahia, proposta por mim, deputado Luciano Simões Filho.

Convido para compor a Mesa a Srª Cristina Ferreira Araújo, Defensora Pública, representante do Defensor Público Geral Clériston Cavalcante de Macedo; Srª Ivete Sacramento, Secretária Municipal da Reparação; Srª Ana Paula Andrade Matos, Secretária Municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza; Sr. Coordenador Ubiraci Matilde de Jesus, representante do Secretário Estadual de Saúde Fábio Vilas-Boas; Srª Maria Lucimar Alves, Sub-Secretária Municipal de Saúde; Sr. Wanderley Lourenço, diretor da Fundação Cultural Palmares e presidente nacional do PMDB-Afro; Sr. Nestor Neto, presidente do PMDB-Afro da Bahia; Sr. Jorge Carvalho, vereador do município de Vera Cruz; Sr. Professor Elísio Brasileiro, presidente da Fundação Ulysses Guimarães; Srª Professora Vilma Bastos, diretora geral do Colégio Terceiro Milênio; Sr. Rui Oliveira, presidente da APLB Sindicato, e o Bispo Windson, presidente do Ministério Batista do Arvoredo.

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- (Lê) “Estamos reunidos nesta manhã para celebrar o Dia da Consciência Negra, que transcorre em 20 de novembro, instituído no calendário nacional em 2003 e oficializado em 2011. A data foi escolhida por conta da morte de Zumbi dos Palmares, ocorrida há 321 anos.

Além de lembrarmos a importância deste líder negro e símbolo de resistência contra a escravidão no Brasil, personagem tão importante para a história do nosso País, refletimos sobre o papel do povo negro na sociedade e as batalhas travadas pela liberdade, principalmente aqui na Bahia, a exemplo da Revolta dos Búzios.

Mas, sabemos que não é apenas nesta data que devemos reverenciá-lo. É no dia a dia que precisamos demonstrar este reconhecimento, a partir do estabelecimento de

políticas públicas que tentem reparar os atrasos históricos e de enfrentamento ao racismo, pela igualdade, melhorias sociais, de saúde e educação.

Somos um País com 54% da população declaradamente negra.

No entanto, ainda há muito a ser feito. Por conta disso, o PMDB tem travado uma luta intensa em defesa de uma política mais agressiva para esta comunidade, através do PMDB Afro, que conta com a ativa atuação de Nestor Duarte, presidente da seção Bahia.

Em Salvador, mais de 88% são negros, mas o investimento no tratamento da anemia falciforme, patologia que acomete grande parte do segmento, por exemplo, é insuficiente. O maior índice da doença é registrado na Bahia. Segundo levantamento, a cada 17 habitantes do Estado, um tem o traço da anemia falciforme, e a cada 650 pessoas, uma é portadora da doença.

É entre os negros também, infelizmente, o maior índice de analfabetismo e de violência, sobretudo na juventude. Todo ano, de acordo com o mapa da violência, mais de 23 mil jovens negros, entre 15 e 19 anos, são assassinados. Ou seja, um a cada 23 minutos. E se for homem, a probabilidade de morte é ainda maior. Sem falar no envolvimento com o tráfico de drogas.

E é por isso que a educação tem que ser prioridade na política de enfrentamento do governo. É com crianças e adolescentes na escola, com qualidade no ensino e condições dignas, e os jovens no mercado de trabalho, com igualdade de oportunidades e crescimento social, que podemos virar esta triste realidade.”

Assistiremos, agora, a uma apresentação musical voz e violão do Sr. Cristiano Ramos.

O Sr. Cristiano Ramos:- Bom-dia, senhoras e senhores, há uma certa tensão diante de uma solenidade tão grande, e eu, honrosamente, estou aqui para dinamizar um sorriso da face dos senhores.

Bom-dia, sou Cristiano Ramos, faço parte da Banda Primícias Roots, vai ser uma honra apresentar essa canção, da qual fui presenteado pela vida no dia 20 de novembro de 2010, e queria que os senhores, por favor, atentassem para a letra.

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Obrigado, Cristiano.

Neste momento, assistiremos à apresentação da Escola Municipal Maria Dolores.

(Apresentação Musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Acho que já valeu a realização desta sessão especial somente por causa dessa apresentação. Parabéns, professor Lázaro, pela coordenação desse trabalho. (Palmas)

Convido a comandante da Ronda Maria da Penha, Sr^a Major Denice Santiago, representante do comandante-geral da Polícia Militar da Bahia, Sr. Coronel Anselmo Brandão. (Palmas)

Dando continuidade a esta ilustre sessão, assistiremos ao vídeo sobre racismo institucional.

(Apresentação do vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Dando continuidade à sessão, concedo a palavra ao presidente do PMDB Afro-Bahia, nosso amigo Nestor Neto, o grande idealizador desta sessão. (Palmas)

O Sr. NESTOR NETO:- Quero agradecer a Deus pela oportunidade do dom da vida. E também quero ser muito grato ao meu pai, que está ali sentado, Sr. Catarino, que, com um esforço quase sobrenatural, criou 8 filhos.

Cumprimento o meu amigo irmão de muitos anos, de muitas jornadas, deputado Luciano Simões Filho. No primeiro dia que propus esse desafio, imediatamente ele se colocou à disposição disponibilizando todo o gabinete. Na pessoa dele, quero agradecer o imenso carinho com que toda a sua equipe – Maíse e todos de modo geral – nos atendeu, estendendo esse agradecimento ao presidente da Casa, ao Cerimonial. Enfim, a todos que se dedicaram a essa grande atividade que remete a todos nós a possibilidade de uma nova reflexão até mesmo sobre nós mesmos, sobre as concepções que temos.

A Mesa é extensa. Não falarei o nome de todos por conta do horário, mas quero saudar meu queridíssimo professor de Química no Central, professor Rui, presidente da APL Sindicato; meu amigo, irmão, vereador de Vera Cruz, Jorge Carvalho, que muito financiou as manifestações que eu fazia na cidade, nos idos de 2000; presidente nacional do PMDB-Afro, Wanderlei Lourenço; as mulheres todas desta Mesa, professora Ivete, Ubiraci, Ana Paula, Dra. Lucimar, que foi minha chefe durante 3 anos e meio, enfim, todos.

Saúdo o bispo Widison, queridíssimo amigo, irmão; professor Anísio. Saúdo também esse público belíssimo, essas pessoas que vieram nesta segunda-feira, um desafio. Algumas pessoas até me falaram sobre fazer numa segunda-feira, mas a temática exige desafios. Por isso fizemos num dia desafiador. Está ali o vereador sentado, observando tudo. É desafiador fazer eventos na segunda-feira.

Já observamos até o momento, se encerrássemos esta sessão agora, já sairíamos daqui com a glória de ter feito uma reflexão importante sobre esse dia que foi comemorado no dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, mas que, na realidade, são todos os dias.

Tive a oportunidade, nos últimos 3 anos, de conviver na saúde com excelentes profissionais – estão ali Dr^a Marta, Joildes, Daniela, Elba, Robson e tantos outros – e a possibilidade de poder perceber o quanto a população negra de Salvador é carente. A saúde consegue penetrar em todas as dimensões, Ana Paula. Sei que a sua secretaria

tem uma intervenção gigante, sobretudo na comunidade de população negra, mas a saúde tem essa dimensão.

Eu e o presidente do Conselho, Marcus, que está aqui, fizemos várias plenárias, várias discussões, vários eventos, e em todos eles pudemos perceber o grito da liberdade. Os nossos irmãos que vieram nos grandes navios negreiros gritaram, e até hoje continuam gritando.

Esse ato não é para nos lamentarmos, professora Vilma, das agruras que nos acometem todos os dias. Quero saudar sobretudo os alunos do Colégio Terceiro Milênio, achei muito importante a vinda deles pois estão na fase inicial da vida, 12, 13, 14 anos, e quero dizer para vocês que a vida não é fácil. Na vida vamos enfrentar desafios todos os dias, seja negro, seja branco. Claro e evidente que os negros acabam sofrendo muito mais devido à infraestrutura que ele tem que arregimentar, pastora Carmem, para poder-se afirmar em qualquer processo.

Por que isso? Porque temos que dizer que somos. Muitas vezes, como vimos no vídeo, um negro correndo é ladrão. Ele pode estar apressado para pegar um ônibus, pegar o seu carro; um negro limpando uma casa é empregado doméstico, ele não pode ser o dono da casa. Isso é lamentável, porque estamos em pleno século XXI e convivemos com estruturas equivocadas desde 1955, como ocorreu nos Estados Unidos, quando o grande lutador Luther King iniciou uma luta porque as negras não podiam sentar nos bancos de ônibus coletivos, tinham que dar lugar às brancas, e fez-se um grande movimento, uma grande revolta em relação a isso. Mas quantas cadeiras estamos deixando de sentar?

Professor Elísio, deixei para falar seu nome por último porque hoje estamos usando esse grande evento para lançar um projeto que vai rodar toda a Bahia com o apoio da Fundação Ulysses Guimarães, com o apoio do deputado Luciano Simões e tantos outros irmãos que queiram se unir a nós, professora Ivete, para discutir o grande projeto que é Onde Está o Negro na Bahia? Por que queremos fazer esse projeto de pesquisa? Porque nós entendemos que está na hora de os negros ocuparem os cargos estratégicos, os espaços de poder, já que não dá para fazer transformação sem estar no processo de poder. E não dá, efetivamente, pra discutir o cenário nacional. Rui, eu, você e tantos outros que aqui estão, quantas vezes fomos a Brasília para discutir uma emenda? Temos de ser os parlamentares para votarmos ou até mesmo rejeitarmos determinadas emendas que são contra a nossa comunidade.

Temos uma capital como Salvador em que 88% da população é negra, mas nunca tivemos um prefeito negro eleito. Tivemos nas últimas eleições - independentemente do cenário, da composição política, do arsenal que foi montado, dos mais preparados, dos menos preparados - uma postulante negra com quase dois mil votos numa cidade de um milhão e tantos eleitores, sendo a sua maioria esmagadora negra. Os negros não se reconhecem nos negros Mas isso efetivamente não é um preconceito, não é uma forma de racismo. É porque os negros da nossa capital não foram educados para tal, foi-lhes retirada a possibilidade da construção

histórica pra entender, compreender que o espaço do poder também é o espaço dos negros.

Os negros, ao longo dos anos, foram articulados para apenas servir. Nós podemos servir, sim, mas em todas as esferas de articulação do poder, seja num sindicato, seja na Presidência da República. Todos nós podemos, não é impossível, os Estados Unidos provaram isso. Um país que tem um racismo declarado elegeu um presidente negro por dois mandatos, e agora fizeram uma loucura elegendo um quase insano. Não sabemos se ele vai acionar a bomba atômica em dias ou se vai dizimar a comunidade negra. Mas isso faz parte do processo político.

Para encerrar, até porque tem muitas pessoas pra falar, quero dizer que o foco deste grande evento é que a gente possa construir uma agenda positiva nessa temática. E que a gente não fique apenas no 20 de Novembro. Sei que há esforços articulados para isso. Mas acho, deputado Luciano Simões, que você deva ser o provocador desse processo. Nós podemos puxar essa bandeira nas diversas escolas.

Está aqui a Ramona, que é professora numa escola em São Francisco do Conde e desenvolve um excelente trabalho lá. Mas muitas vezes lhe falta a estrutura do poder municipal para que esse trabalho dela seja ampliado. Está presente também Aílton, um advogado que se formou na advocacia com imensas dificuldades. Passou necessidades, enfrentou tantos problemas, mas hoje está ocupando um espaço de poder. Ele é coordenador do CRAS do Cabula, um dos bairros mais negros da cidade do Salvador, assim como Mata Escura, que, por exemplo, para quem não sabe, foi um dos primeiros quilombos, o Quilombo do Orobó, ali na Lagoa do Urubu, Brasilgás.

E aí faço um apelo ao poder público para que a gente transforme a Lagoa do Urubu em um grande centro de articulação e visitação, porque lá os nossos irmão negros habitaram e povoaram o bairro da Mata Escura, de onde foram para o Beiru e depois habitaram toda a região do Cabula. Inclusive Cajazeiras, que era uma região em que não habitavam pessoas. Mas os negros começaram a ocupar esses espaços porque eles fugiam das senzalas, dos engenhos, dos porões do Mercado Modelo. Muitas vezes nós vamos àquele espaço fazer fotos, mas sem a consciência de entender que vários irmãos nossos foram largados lá pra morrer, porque naquela localidade, num determinado horário, a maré enche. Os negros ficavam aprisionados ali, e se morriam ou viviam, pouco importava. A Igreja Católica, na época, dizia que os negros nem alma tinham. Eles tiveram de construir a Igreja do Rosário dos Pretos porque não podiam cultuar ou professar a sua crença no mesmo espaço dos brancos.

Não podemos perder de vista que o racismo institucional é uma realidade clara, real entre nós. Quantas vezes em Brasília fui confundido com um garçom ou um motorista de deputado?! Nós não podemos “ser” o deputado!

Tenho um amigo que é muito amigo do companheiro Vanderlei. Arcanjo, um homem bem-sucedido em Minas que deu uma festa na casa dele e saiu para fumar. Uma pessoa veio falar com ele e o confundiu com o segurança da festa, por ser negro. Então, é isso que tem de parar, porque assim somos ensinados na escola, pela

ausência da construção das políticas públicas da cultura negra e devido às diversas outras culturas do que nós não somos, construídas ao longo dos anos.

Quero dizer a vocês que nós somos! E não depende de quem vem! Depende de nós! Temos que assumir esse compromisso de compreender que a luta é minha, a luta é sua, a luta é nossa! Dependemos dessa articulação conjunta para que possamos ampliar esse espaço de poder. Está aqui Lenilce, que fará uma grande apresentação.

Quero agradecer a todos por terem vindo e também o esforço que a Semur fez. Alisson, a professora Oilda, todos de modo geral que contribuíram para que este evento acontecesse. E não vamos parar por aqui! Talvez, deputado Luciano Simões, o senhor vá conhecer um gestor político exigente. Até agora só conheceu o gestor político amigo. Estou falando isso porque bateremos constantemente em seu gabinete, já que o deputado é a voz do povo. Portanto, usaremos a sua voz para que a nossa voz possa ecoar. Daqui a alguns dias estaremos aqui também. Posso até não estar, mas talvez Ninho ou Robson. Estaremos nesta Casa, e um deputado negro presidirá uma sessão como esta e fará deste espaço de poder, de fato, a nossa casa. Mas sem a necessidade de determinadas apresentações, porque já nos sentimos irmãos. Não precisamos provocar mais os outros, porque os outros já são iguais a nós.

Que Deus abençoe a todos, e vamos à luta! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Depois desse inspirador discurso de Nestor, daremos sequência dando a palavra ao diretor cultural da Fundação Palmares, Sr. Vanderley Lourenço. (Palmas)

O Sr. VANDERLEY LOURENÇO:- Exmº Sr. Deputado Luciano Simões, proponente desta sessão, meu querido amigo Nestor Neto, em nome de quem saúdo os presentes, secretária Ivone Sacramento, em nome de quem saúdo a todas as mulheres presentes a este ato, senhoras e senhores, penso ser extremamente significativo estarmos aqui na Bahia, porta de entrada de tantos cidadãos livres escravizados em nosso Brasil, para uma sessão alusiva ao dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

É uma data que nos faz pensar, porque muito tem sido construído e muito teremos de construir pensando que vivemos num País que, não obstante ter sido construído por mãos negras, é completamente estruturado em bases racistas. Quando Nestor chega aqui e fala que inúmeros negros são confundidos todos os dias com motoristas e empregados domésticos, enfim, nada que possa desmerecer quaisquer profissões, por outro lado em momento algum se vê o negro sendo confundido com um empresário ou um político. Geralmente se vê o negro numa posição subalterna. Isso tem raízes nessa construção feita em nosso País, mas extremamente difícil de ser desconstruída, uma vez que é um problema cultural. Particularmente eu fico muito feliz ao ver o Plenário desta Casa Legislativa repleto de estudantes, porque não há uma outra forma de nós mudarmos essa situação se não for através da conscientização

de vocês, que estão vindo e vão nos suceder na disputa por esses espaços que precisamos conquistar.

Quando falamos de 20 de novembro, nós evocamos Zumbi. Quando evocamos Zumbi, nós evocamos o Quilombo dos Palmares; Então, o mês de novembro é o mês da Consciência, é o mês da Resistência Negra, porque o Quilombo dos Palmares resistiu e a comunidade negra tem resistido ao longo, durante todos estes anos. Apesar de todos os pesares, a gente tem resistido. E continuar resistindo, mudar essa realidade é uma tarefa que compete a todos nós, é uma tarefa que compete a uma Casa de leis no momento em que faculta a oportunidade de uma sessão legislativa homenageando a comunidade negra. Mas, sobretudo, é uma tarefa que cabe a nós no nosso dia a dia.

Esse vídeo aqui exibido faz pensar o quanto a nossa sociedade ainda tem a construir, o quanto a nossa sociedade precisa se conscientizar da situação em que colocou os seus negros. Nestor fez uma pergunta interessante: “Onde estão os negros da Bahia?” Repetindo Nestor, eu faria uma outra pergunta: onde estão os negros do Brasil?

Se cada um dos senhores vier a esta Assembleia em um dia comum de sessão e verificar o número de parlamentares negros neste Parlamento, talvez não consigam se enxergar neles. Se os senhores olharem a Esplanada dos Ministérios e procurarem um ministro negro, não encontrarão porque não há um ministro negro lá. Isso, para uma sociedade que tem declarados aproximadamente 54% da sua população de negros, é uma vergonha! Nada mais nada menos do que uma vergonha!

Eu disse no começo da minha fala que temos avançado. Nós, na Fundação Cultural Palmares, temos procurado trabalhar ações que possam incentivar, preservar a cultura negra, pois os negros, tendo sido trazidos da África por aqueles cidadãos que lá os aprisionaram e passado por situações completamente adversas, mesmo assim continuam resistindo. Resistir é a palavra para este mês de novembro. Resistir é a mensagem que nós queremos trazer principalmente para os estudantes que estão aqui. Mudar essa realidade, participar de uma forma mais ativa das instituições e da vida do nosso País é o papel que nós precisamos desempenhar, é o papel que nós precisamos exercer. E exercer esse papel vai depender, sobretudo, de vocês estudantes aqui presentes. De vocês que, reconhecendo a história de Zumbi dos Palmares, conhecendo a história de luta do povo negro e tendo consciência de que nada que existe neste País existiria se não fosse o povo negro, se fortalecerão para tomar nas mãos as rédeas e os rumos do Brasil.

Nós estamos à frente hoje de um movimento nacional, o PMDB Afro, dentro de um partido político, procurando fazer com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro oportunize um espaço de protagonismo para a população negra. E nós, dentro do PMDB Afro incentivamos para que os nossos companheiros possam buscar esse espaço em todas as oportunidades que têm no seu dia a dia na sociedade. É a única forma que nós temos de trabalhar para construir uma sociedade humana e socialmente mais justa e livre de preconceito. Esse é o papel de todos nós.

Por isso, agradecemos esta oportunidade, agradecemos ao Nestor o convite para estar aqui, a oportunidade de estarmos aqui compartilhando com os senhores deste momento, cujo maior significado é essa oportunidade, já dita, de construir um país definitivamente livre dessa chaga que é o racismo.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Concedo a palavra ao vereador, meu colega parlamentar, da cidade de Vera Cruz, o Sr. Jorge Carvalho, pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. JORGE CARVALHO:- Bom-dia a todos.

Eu gostaria de cumprimentar a Mesa, de cumprimentar todos os presentes, especialmente os estudantes, também já fui militante de movimento estudantil, torço para que vocês exerçam também essa militância que é fundamental, e a frase que Nestor, e o companheiro presidente nacional do PMDB Afro citou aqui a questão dos espaços dos negros e da maioria. Isso me remete àquela coisa da África do Sul onde 30 milhões de habitantes, desses 30 milhões, 25 milhões eram negros e 5 milhões brancos, e mesmo assim quem mandava e escravizava eram os brancos escravizando os negros. E essa realidade a gente continua vivendo também no nosso País.

As pessoas citaram aqui a questão dos Estados Unidos, lá é um racismo declarado, aqui é um racismo velado. As pessoas às vezes dizem assim: olha, eu não tenho preconceito com ninguém; eu não tenho preconceito com negro. Alguns empresários amigos meus dizem para mim: eu não tenho preconceito. Às vezes, pergunto: quantos negros você convida para passar um final de semana na sua casa? Quantos negros você convida para ir a uma festa de aniversário do seu filho? É aquela coisa assim: ó, é negro, é maravilhoso, não é perfeito, é gente como a gente. Mas na prática a realidade só quem sabe somos nós. O Nestorzinho ali que na sua militância já foi vítima de preconceito, na minha militância, sou hoje parlamentar, mas sou um parlamentar militante, militei nos movimentos sociais, comecei no movimento estudantil e uma das bandeiras que levantei foi a questão da mobilidade urbana.

Eu digo, a questão da mobilidade urbana, porque assim como se citou na apresentação de que a favela é a senzala dos tempos modernos, posso também afirmar que o transporte público é o navio negreiro do século XXI. A maioria dos negros mora nas periferias das grandes cidades, o transporte nessas regiões são extremamente caóticos, somos colocados em massa dentro de um transporte lotado, esperamos muitas vezes horas, somos humilhados e muitas vezes somos até vítimas da violência por conta dos assaltos. E, aí, ninguém discute isso?

Quando digo isso é entendendo a importância de a gente não separar, não desvincular a luta do racismo da luta material. A gente não pode apenas discutir o preconceito, e a realidade econômico-social que o negro vive hoje? Aqui se citou a

questão dos parlamentares, basta aí qualquer um ver, quantos negros vocês encontram num hospital? Quantos negros encontramos como gerente de banco? Quantos negros encontramos como parlamentares? E essa realidade só vai mudar através da educação.

Infelizmente, o negro ainda é visto como um contribuinte alienado; o negro ainda é visto como curral eleitoral; o negro ainda é visto como mão de obra barata, até mesmo escrava. Então, daí a importância de o negro, na verdade, sentir orgulho da sua pele, sentir orgulho da sua cor, sentir orgulho da sua raça. Eu percebo que o negro hoje, por conta de uma cultura, tem pouca autoestima. As pessoas às vezes tentam imitar a beleza do branco; as pessoas às vezes têm um cabelo crespo, aí falam: ah, mas o seu cabelo é ruim. O meu cabelo nunca matou, nunca roubou, por que o meu cabelo é ruim? Qual a diferença do meu cabelo? Não é verdade? Então as pessoas falam assim: mas, fulano, ser negro é feio porque o nariz dele é aberto.” Isso porque, na África, é escasso o nível do oxigênio. Então, a própria natureza impõe uma abertura maior das narinas. Tudo é uma questão cultural.

Agora, o negro é tratado como um ser inferior, esquecendo de que quem construiu este País foram os negros. Adota-se uma lógica de dizer que o negro é descendente de escravos. Eu não sou descendente de escravo. Sou descendente de um povo livre, que viveu na África, que eram reis, rainhas e que tinham sua soberania. Mas, infelizmente, colonizadores foram para lá com uma visão extremamente desumana, porque ninguém diz assim: “os judeus...” ninguém diz que os judeus são descendentes de escravos, ninguém diz isso. No entanto, foram escravizados durante 500 anos no Egito! E nós fomos 300 anos! A gente não pode reduzir uma etnia a um momento político, a um momento de 300 anos! E a nossa história?! Quando chegaram aqui, encontraram homens livres. Quando foram na África encontraram homens livres.

Quero aqui reafirmar, não quero tomar muito tempo, até porque muita gente ainda vai falar, mas dizer para vocês e colocar na cabeça de cada um de vocês jovens: nós negros somos filhos da liberdade. Nós negros somos filhos da liberdade. Está bom, pessoal?

Muito obrigado. Um abraço a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Obrigado Jorge.

Para quem não sabe, Jorge foi um dos vereadores mais votados da história do município de Vera Cruz.

Dando continuidade, concedo a palavra ao presidente da APLB, Sr. Rui Oliveira. (Palmas)

O Sr. RUI OLIVEIRA:- Bom-dia a todos e a todas. Queria parabenizar a brilhante intervenção feita pelo Nestor, meu ex-aluno; parabenizar a todos e também as mulheres à Mesa, Ivete, minha ex-professora e dizer que é um prazer estar aqui e

que é muito importante a realização deste debate. Acho que a gente precisa aprofundar mais essa questão do racismo, porque, na minha opinião, não é uma questão de gosto, não é uma questão de gostar ou não gostar, é uma questão de concepção e do ponto de vista ideológico.

Nós, na APLB, temos, Nestor, um departamento antirracista, com a coordenação de dirigentes da APLB – depois vou-lhe passar o que estamos produzindo em termos de APLB. Temos muitas coisas escritas desenvolvidas, só que são ainda insuficientes, porque essa questão do racismo não pode ser apenas uma decisão de ser combatida apenas pelos negros, e sim da sociedade.

Em uma sociedade, do ponto de vista capitalista, sempre vão existir essas contradições. Sempre, sempre. Sempre brinco com os companheiros da APLB e também em termos de CNTE. Fico assim... sempre brincando digo que o pior tipo de racismo é o que está no nosso interior. Eu digo para os companheiros assim, Ivete: se sexta-feira eu estiver todo de branco no Campo Grande, no Teatro Castro Alves e o deputado Luciano, também de branco, com a mesma roupa, todo mundo vai passar e dizer: “Aquele negão é pai de santo e o deputado é médico.” (Risos) Porque isso está na cabeça das pessoas. Nós temos que combater de outra maneira, de outra maneira, fazendo políticas públicas que venham reparar, que venham corrigir, porque não podemos tratar de forma igual quem é desigual. Não podemos.

Acho que um dos caminhos é a educação. Se a gente pega a educação, a escola pública – não estou nem falando da Bahia, estou falando do Brasil –, o maior contingente de estudantes de escolas públicas no nosso País é de pobres, negros de periferia. E nós deveríamos ter essas escolas como referência, o que não acontece em lugar nenhum, nem aqui em Salvador, nem no Estado da Bahia e nem no Brasil.

Bem, concordo com Nestor quanto ao item determinação. É uma determinação não ter pessoas qualificadas intervindo nessa política. E vocês estão delegando para que essas pessoas, que não tem o mesmo olhar de Nestor ou de Ubiraci ou de Ivete, pensem melhor que tipo de políticas públicas nós podemos ter para quem mais sofre em Salvador, na Bahia e no Brasil.

É inadmissível o que acontece aqui em Salvador. Bem, poderia ser em outra cidade. Mas eu moro aqui, Nestor. Eu digo brincando para a Mesa. Vejam, isso parece uma coisa que não tem nada a ver com o racismo.

Mas se alguém perguntar, por exemplo: quantas bibliotecas há em Salvador? Duvido que alguém responda, porque não sabe. Parece uma coisa assim besta, normal. O que tem biblioteca a ver com a formação do indivíduo? É exatamente isso. Tem de existir biblioteca. Os negros que trabalham e moram nas periferias deveriam ter mais ações e mais instituições que pudessem elevar o seu nível de informação. E isso lhes é negado.

Nestor, você foi meu aluno. Eu acho que estamos muito aquém. Falaram aqui sobre isso. Por exemplo: vocês viram algum negro no Parlamento? Vamos botar no esporte. Nós tivemos as Olimpíadas com várias modalidades de esportes coletivos.

Quanto à seleção brasileira de basquetebol, você viu? E na seleção de vôlei, você viu? E em nado sincronizado, você viu? Você viu no futebol! Mas, aqui, só há campo de futebol! Qual o negro, morando em Massaranduba ou em Cajazeiras, tem a oportunidade de jogar voleibol? Lá tem alguma quadra? Qual o negro que vai jogar basquete? Qual o negro que vai querer nadar? Tem alguma piscina? No Estado, há uma piscina que não é acessível à população.

Então estas discussões, tratadas aqui, são de fundamental importância para podermos, a cada um em seu próprio segmento, acumular energias e acumular forças para dizer que a gente tem que acabar com o racismo e com qualquer tipo de intolerância.

Viva Zumbi! Viva Maria Felipa! Viva a gente! (Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Obrigado, presidente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Agora, concedo a palavra ao Bispo Windson, da Igreja Batista do Arvoredo. (Palmas)

O Sr. BISPO WINDSON TAVARES:- Pessoal, bom-dia!

Quero agradecer a Deus por esta oportunidade.

Saúdo o pessoal da Mesa, como também saúdo os homens, as mulheres e as crianças. Vida longa para cada um de vocês!

Queria iniciar a minha fala com uma questão de um homem. Ele tinha 95 anos de idade e perguntaram-lhe o que havia aprendido durante os seus 95 anos de existência. E ele falou o seguinte: “Nesses meus 95 anos de vida, tenho aprendido que, ainda, tenho muito a aprender.”

E existe uma palavra chamada humildade. Humildade vem de “humos” e quer dizer terra fértil, terra boa, terra preta, aquele que está de coração aberto para aprender. Confesso que, ao me sentar a esta Mesa, eu só aprendi e estou aprendendo muito com cada um de vocês.

Precisamos aprender acerca de Deus. Precisamos aprender acerca do nosso próximo. Precisamos aprender acerca da nossa história. Precisamos aprender acerca da história da Bahia. Precisamos aprender acerca da história da chegada dos negros à Bahia. Precisamos aprender acerca de Zumbi dos Palmares.

Vejam, quanto a esta questão do racismo, ela aconteceu comigo. Sou um policial da reserva e, também, atuo na área jurídica na questão do direito. Um dia, mesmo como policial, parei à porta de um banco na Baixa dos Sapateiros e fiquei. Um policial veio a mim e disse o seguinte: “Por que você está aqui na porta desse banco?” Eu respondi-lhe: É proibido? E ele falou: “Não, é porque você está causando constrangimento aos clientes do banco.”

O racismo, em Salvador, é uma realidade. O racismo é uma realidade na Bahia.

E estou aqui como pastor. A igreja é grupo de pessoas que foram tiradas do sistema corrompido que este mundo tem propagado. Mas quero falar algo para vocês. Moro na região do Cabula. Este vocábulo Cabula vem um ritmo africano: “ca” e “bula”, Congo com Angola.

A igreja, na região do Cabula, tem o objetivo de, justamente, erradicar a marginalidade, porque o perfil dos mortos, na região do Cabula em Salvador e no Brasil, tem uma cor: negra. O perfil dos quase 600 mil presos no Brasil tem uma cor: negra. O perfil dos 12 milhões de desempregados no Brasil tem uma cor: negra.

Irmãos, vocês não têm ideia. Nós fazemos um trabalho de ressocialização de jovens marginalizados. E qual é o perfil? Negro. Todos os meses, entregamos, em nossa comunidade, 340 cestas básicas. E qual é o povo que frequenta para pegar as cestas básicas? Negro.

Mas oremos ao nosso Deus para que ele levante jovens como Nestor Neto que tem o chamado para a questão da administração da cidade, do Estado e do nosso País.

Bem-aventurada seja a nação cujo Deus é o Senhor.

Vida longa para cada um de vocês!

Oremos para poder ver um Brasil melhor!

Que as palmas exaltem o nosso Deus! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Neste momento, convido o professor Elísio Brasileiro para fazer uma palestra sobre os Movimentos Reivindicatórios no Meio Negro do Brasil.

O Sr. ELÍSIO BRASILEIRO:- Envio um abraço a todos os presentes à Mesa e, especialmente, ao deputado Luciano Simões Filho. Temos tantos queridos amigos. Cumprimento todos os senhores e as senhoras presentes, os meninos e as meninas aqui para alegrar este ambiente em um dia tão festivo.

O Luciano liberou um pouco mais de tempo além dos 5 minutos, porque a temática é mais ampla. Prometo não encher o saco de ninguém.

Vamos começar colocando o africano no Brasil.

Quem inaugurou a escravização do africano? Não foi o português, repito, não foi o português.

Os muçulmanos, em sua expansão, fundaram califados e começaram a ocupar o Egito, seguiram, sempre, pelo norte da África e, depois, costearam a África nas margens oeste e leste. Os árabes eram grandes comerciantes. E, na África, eles encontraram condições propícias para a produção da cana-de-açúcar que era uma especiaria. Bem, os muçulmanos tiraram proveito das guerras tribais oferecendo aos vencedores alguma vantagem para usar os vencidos como escravos.

Como muito bem foi dito aqui, não se inventou a escravidão com o africano não.

Bem antes, em Grécia e Roma Antiga, eles celebraram o modo escravista de produção. Muitas outras e antiquíssimas civilizações praticavam a servidão coletiva como, por exemplo, os hebreus, no Vale do Nilo, no Egito; os mesopotâmios e os persas na Ásia; aqui na América, os astecas, os maias e os incas.

Naquele momento em que o árabe, muçulmano-islamita, praticava o comércio, avança sobre o continente africano e ele teve a oportunidade de comprar tribos vencidas e passar a explorá-las como escravos.

Quando os portugueses e os espanhóis iniciaram o processo das grandes navegações ao longo do Atlântico, eles, os portugueses e os espanhóis, já encontraram aquela situação e passaram a explorar ouro na costa africana; começaram a produzir açúcar de cana para, depois, ser vendido na Europa a um alto preço através da mão de obra escrava africana. E fizeram mais: começaram a comercializar o homem africano como escravo.

Quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, mais da metade da população de Lisboa, capital de Portugal, era constituída por escravos africanos. O comércio de escravos africanos se tornou uma das atividades econômicas mais rentáveis.

Quando o português inicia o processo de colonização do Brasil ao matar e ao escravizar os índios, o português aprende que a melhor forma de ganhar dinheiro é produzir cana-de-açúcar desmatando a nossa Mata Atlântica no Recôncavo Baiano e na Zona da Mata nordestina.

O português aprende esse *know-how*, melhor, essa tecnologia produtiva na costa africana e passa a trazer uma quantidade imensa de africanos na qualidade de escravos. E, como muito bem foi dito, o africano era um povo livre e feliz que vivia em sua terra. Era um povo de muitas etnias que passa a ser trazido para o Brasil na condição de escravo, morrendo nos navios negreiros. E como bem disse o poeta Castro Alves em seu poema: morrendo!

Minha cardiologista um dia me disse que a tese dela de doutorado foi provar o motivo pelo qual as pessoas de afrodescendência têm grande possibilidade de desenvolver pressão alta. Eu disse: “Doutora, eu quero aprender! Eu estou sempre aprendendo!” Ela disse que isso ocorre porque, na vinda da África para cá, sobreviviam os que conseguiam comer mais sal do que os demais. O sal era a única forma de sobrevivência durante a travessia. O sal, escondido no sangue de geração para geração, proporciona pressão alta a pessoas de afrodescendência. Aprendi e continuo aprendendo.

Naquele momento, o homem africano e a mulher africana vieram para cá de forma subumana, como mercadoria, para gerar riqueza para os colonos portugueses que aqui chegavam e que fugiam de uma perseguição religiosa.

Na Europa, a Igreja Católica exigia que os reis matassem uma quantidade mínima de judeus. Os judeus portugueses fugiam de Portugal e começavam a fazer negócios na costa africana. Grandes comércios! Quem vai colonizar o Brasil? Eles, os judeus, ao adotar novos nomes para se livrarem de perseguições futuras e já trazem consigo, por terem comprado, a carga humana da África na diáspora mais terrível de todos os tempos. Sua gente vinha não apenas para o Brasil, mas para as colônias inglesas, holandesas e francesas.

Há o Haiti. O que é o Haiti? É uma área de colonização francesa no mundo caribenho, explorando a mão de obra africana como escrava. A Jamaica! A Ilha da Jamaica, a qual teve oportunidade de conhecer, é de colonização inglesa ao explorar a mão de obra escrava africana. Os ingleses, na América do Norte, exploraram os africanos na produção de algodão.

O menino disse de forma tão linda, o espetáculo mais bonito que eu posso nesses dias ter assistido: “Aqui se morria de banzo”. Banzo, gente, é a tristeza melancólica de viver sem liberdade, em que se perde o apetite e se deixa morrer.

Na América do Norte, nossos irmãos africanos reagiam chorando e cantando seu sofrimento, nascendo o blues, que é o pai do *jazz*, que é o avô do *rock*, que tanto a juventude curte, e eu adoro. O *rock* vem do *jazz*, que vem do blues, que é a música lamento nos algodoais dos africanos ali escravizados, essa gente maravilhosa que vem do continente africano para a América, usada como mercadoria.

Quando se libertam da condição de escravidão – isso se deu por pressão econômica internacional, basicamente inglesa, na metade do século XIX, 1850, por aí, com o avanço do processo abolicionista no Brasil e os clubes abolicionistas se multiplicando –, o Império brasileiro não está nem aí para o ex-escravo, aquele que deixa de ser escravo e não tem a terra, não tem a máquina, não tem o capital, não tem o meio de produção.

Que maldade fizeram com a gente negra brasileira. O Império, em nome dos interesses da aristocracia, marginalizou socioeconomicamente a gente africana e de descendência africana.

O que adiantou ganhar a liberdade? Viver na zona rural sem terra para plantar, sem o apoio estatal, ou migrar para as cidades para ser estivador, comendo menos até do que comia na senzala, como escravo?

É o abandono da gente negra brasileira por parte do Estado brasileiro. Não só o Império como também, depois, a República. Quando é que a gente negra brasileira entra no processo produtivo de forma livre? Com a Revolução Industrial, com a urbanização. Apenas de 1930 para cá. Não tem 90 anos, é um processo gradual.

E quando se diz – e isso vem sendo dito ao longo dos tempos – que não tem racismo no Brasil, isso é uma grande farsa. O racismo é escancarado. Nos Estados Unidos até pouco tempo era legal; hoje já é bastante condenado. Aqui o racismo é camuflado. Se maltrata o negro afrodescendente porque é associado

socioeconomicamente à condição de pobreza; mas não é apenas isso, é também uma questão cultural.

Durante muito tempo eu ouvia grandes mestres dizendo que o negro que passa a ganhar bem, que tem uma boa profissão, deixa de ser negro, porque a situação é degradada pela pobreza. Mas não é somente isso, pois do ponto de vista cultural também são colocados valores, estigmatiza-se o afrodescendente, o homem de cor negra no Brasil. Salvador-Bahia, que tem 3 milhões de habitantes, é a cidade mais negra fora da África. Como foi dito aqui, 84% da população de Salvador são de afrodescendência.

Quem aqui, pelo amor de Deus, não tem sangue africano, sangue indígena? Eu disse ontem numa palestra no interior da Bahia que, diante de um racista, tenho dois sentimentos: primeiro, eu tenho pena por ele não ter tido oportunidade de estudar, porque quem estuda, quem tem um mínimo de cultura, sabe que a Nação brasileira é engendrada por três raças e por N etnias.

Não só o português representa o europeu, já que tivemos a chegada de espanhóis, alemães, italianos. Da África vieram três etnias para a nossa terra: o banto vem da África mágica, mística, o banto guerreiro, caçador; o hauçá vem de uma África islamizada, cultuando Alá; e o guineano-sudanês, que também vem islamizado para cá, etnias portadoras de altíssimo nível de civilização. Agora, como ficou tanto tempo o africano, o afrodescendente em condição de penúria econômica, é preciso políticas públicas que, aliás, nas últimas décadas, já estão acontecendo.

Ivete, quando Reitora da Uneb, minha querida amiga Ivete, de longas datas e de boas cachacinhas, não é Ivete? (Risos) Ela não fica envergonhada não, mas eu já conheci ali um aluno dela que teve um aluno que é Nestor, eu só falto dizer que sou aluno dela, se eu fizer isso ela me mata. Ivete, como Reitora da Uneb, fez uma coisa revolucionária no Brasil, instituiu o sistema de cotas. Quando alguém critica o sistema de cotas eu digo: “- Oh, cara, pelo amor de Deus, bote a mão na consciência!” Não tem que ter só sistema de cotas não, é preciso políticas públicas que permitam ao negro, ao afrodescendente ascensão social e econômica, e não apenas cotas. Nada disso é definitivo. Isso vai ter um tempo, até que nós cheguemos, de fato, a ser uma democracia racial e social.

Há muito para ser feito, a universidade brasileira se distanciou da questão da negritude, tratando o negro como pobre, dizendo que a questão era apenas econômica, e não é. Eu mostrei a Ivete, mostrei a Nestor Neto um curso que eu dei há 41 anos, no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, está aqui em meu bolso, trouxe até o cartaz dele. Naquela ocasião, o núcleo afro-brasileiro, através de 3 líderes, Lino, Manoel e Roberto, me convidaram para dar o curso. O professor Cid Teixeira ficou um dia, outro dia o professor Hélio Rocha e eu fiquei 2 dias. No ano subsequente, 1976, eu fiz com Marcelo Cordeiro, professor de História, no outro ano eu fiz sozinho esse curso, eu dei esse curso 3, 4 dias seguidos, no ICBA, e eu dizia nesse curso que a gente negra, particularmente baiana, tem que ir tendo consciência da beleza da sua negritude e dela não ter vergonha, assumi-la do ponto de vista étnico e estético,

estético! Nos Estados Unidos pintavam o movimento do *black power*, eu digo que é preciso que o negro busque a sua própria estética, não queira ficar parecendo com o cabelo de branco, com feições de narizinho olhando pra cima, de branco europeu, ele tem que assumir seu plano estético.

Uma aluna desse curso, quando eu acabei uma das minhas aulas, lá fora, disse: “Professor, o que o senhor acha de eu montar um salão de beleza no Pelourinho, de cabelo afro?” E eu disse: “Vai ganhar muito dinheiro! Não tenho para investir, mas eu tomo ali junto um cravinho do Carlinhos, e eu quero ver sucesso para seu empreendimento.”

Na hora em que, esteticamente, o negro assume uma postura, ele se impõe, quando disse muito bem Nestor e outros tantos, colega, companheiro, vereador de Vera Cruz, Mar Grande, Itaparica, quando ele começa a reconhecer o seu valor histórico, esse orgulho negro é fundamental para forçar que os demais o respeitem. Jogar duro, ter orgulho de ser negro, responder à altura e estar disposto a enfrentar os mais importantes desafios. Aí a gente muda a academia, a universidade. Aí a gente muda a sociedade, reagindo, e conseguimos construir um novo tempo. Não vamos esperar que isso aconteça da noite para o dia. Esse curso eu dei há 41 anos, imaginem quanto tempo mais precisa, mas tem que ser feito e começar já.

O movimento que Nestor me convidou para participar, a Fundação Ulysses Guimarães, aqui na Bahia, abraça, somos companheiros da Fundação, eu presido a Fundação Ulysses Guimarães aqui na Bahia, e vamos fazer com que esse movimento se estenda de Salvador para todo o nosso Estado da Bahia, e, quiçá, possa servir de exemplo a outros movimentos nacionais... Orgulho Negro! Vamos valorizar o Dia da Consciência Negra, vamos fazer todo mundo saber o que é um quilombo. Salvador teve dezenas de quilombos. Nós falamos do Quilombo dos Palmares, de Alagoas, cujo diretor está aqui. Zumbi é um ícone, um símbolo. Os quilombos são muitos. Temos de reconhecer a estética, a musicalidade, a dança, a culinária, toda a beleza cultural negra que faz da Bahia um dos pontos mais requisitados no Brasil pelo turismo.

Obrigado pela paciência e atenção. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Obrigado, professor.

Neste momento, assistiremos à apresentação do Grupo Adolescer com Arte.

(Apresentação artística.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Esta sessão está se superando. Muito obrigado pela apresentação.

Dando continuidade à sessão, concedo a palavra à secretaria municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza, Ana Paula Andrade Matos, que fará a apresentação dos programas que interferem nas comunidades negras.

A Sr^a ANA PAULA ANDRADE MATOS MOREIRA:- Bom-dia a todos!

Queria dizer, deputado Luciano Simões Filho, meu amigo Nestor Neto, que é uma honra estar aqui. Agradeço o convite de vocês e quero saudar toda a Mesa em nome da nossa professora Ivete Sacramento, que é um exemplo para todos nós. Não sei qual o sentimento que mais me toma agora, se é emoção, se é responsabilidade, se é a reflexão do que podemos fazer, de como estamos agindo e de como devemos agir. Que essa reflexão nos acompanhe. Queria dizer a todos vocês que sou secretária municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza, mas, sobretudo, sou gente. Gente que aprende, gente que sofre, gente que sonha. E eu sonho, professora Ivete, em viver numa sociedade mais justa, mais igual, em que nós, mulheres e homens negros, possamos ter a sorte de viver numa sociedade melhor e mais igual.

Salvador é composta, como disse Nestor, de 88% de pessoas negras. Digo a vocês que nosso Cadastro Único de benefícios sociais é composto, também, de 93,5% de negros. Negros, para quem não sabe, no nosso cadastro, são pessoas que se autodeclararam pretos e pardos; 29,29% das pessoas se declararam pretas e 64,21% se declararam pardas. São 93,5%. Para quem não sabe, o Cadastro Único para Programas Sociais do governo federal é aquele que nos dá, dentre outros benefícios, acesso a alguns serviços, como o Programa Bolsa Família. Segurem essa informação porque vou dar outra. Para que se inscreva nesse cadastro, a pessoa tem que ter renda familiar de até 3 salários mínimos ou renda per capita de até meio salário mínimo. Estamos falando, então, da população mais pobre do Brasil. E, nesse cadastro, queria dizer a vocês que 76,1% das pessoas estão na condição de pobreza ou de extrema pobreza. Extrema pobreza é quem recebe até R\$ 85,00 por dia como renda per capita familiar. Pobreza é quem recebe de R\$ 85,01 até R\$ 170,00. Essas são as pessoas que têm direito ao programa Bolsa Família. O CadÚnico, que é o cadastro social, vai um pouquinho além. Ele vai de R\$ 170,00 até a renda per capita de meio salário mínimo ou renda familiar de 3 salários mínimos.

Qual a importância de falar disso? Se não conhecemos os números, não podemos combatê-los. Fiz questão de dizer que sou, sobretudo, gente, porque tenho aprendido muito. E você, professora Ivete, é para mim uma grande professora. Aprendi com a senhora que precisamos reconhecer o racismo que existe em cada um de nós para, a partir desse reconhecimento, combatê-lo. É reconhecendo que se combate. Que isso aqui, meninos e meninas, vocês que são estudantes, seja um exemplo para a vida de vocês. Aprendam o que é racismo, combatam em vocês e tenham uma vida melhor.

Quero dizer a todos que essa Secretaria Municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza é uma secretaria que tem algumas responsabilidades. Nela estão inseridos os conselhos tutelares. Salvador tem 18 conselhos tutelares, com 90 conselheiros. É onde são diagnosticados ou representados os casos de violações de direitos de crianças e adolescentes. É o Conselho Tutelar, junto com toda a rede de sistemas de garantias de direitos, que combate questões como o trabalho infantil,

violência doméstica, violência sexual, violência contra o idoso e contra a mulher e toda sorte de violência contra as pessoas.

Então, é nessa condição de agente público que estou nessa Secretaria. E digo a vocês que, a partir desse conhecimento, precisamos entender que se existe o Bolsa Família, que nada mais é do que uma condição temporária de transferência de renda, existe algo muito melhor que é, por exemplo, o esporte. O nosso professor Rui nos falou sobre a falta de políticas de esporte. Existe, sim, professor. Mas estamos buscando resgatar essa história. Resgatar como? Hoje estamos construindo em Canabrava a Praça da Juventude. Lá vai ter a quadra de vôlei, a quadra poliesportiva, o anfiteatro. Lá nós temos também a pista de atletismo, de skate, o campo de futebol, mas sobretudo a oportunidade para os jovens.

Temos hoje 8.190 crianças que têm a oportunidade de participar de oficinas de arte, de dança, de esportes, como os jovens aqui do “Projeto Adolescer com Arte”. E, a partir dessas oficinas, elas têm novas perspectivas de vida. A nossa Secretaria também tem o “Programa Morar Melhor”. É um programa que, só nesse primeiro ano, atendeu 20 mil famílias. E tive oportunidade de conhecer algumas delas. Por exemplo, D. Maria Paula, que mora em Cajazeiras 4, falou que durante 30 anos juntou cada centavo para construir a sua casa. E isso só foi possível com esse programa. É ainda uma política que busca reparar. Ainda não é a política única que vai nos dar toda a condição de sozinhos desenvolvermos a nossa vida, porque passa, sim, professor Rui, pela educação.

Quero dizer a vocês também que nessa Secretaria temos o “Programa Primeiro Passo”, que reconhece a falta de creches municipais e tenta resolver isso, temporariamente, através do pagamento de um benefício de R\$ 50,00 para crianças de 0 a 5 anos que ainda não têm vagas em creches. Atendemos 37 mil e 400 crianças neste ano, mas já encaminhamos 5.048 para vagas em creches. E tivemos, na sexta-feira, uma reunião com a Secretaria de Educação, para combinarmos como inserir mais crianças nas escolas. Nosso objetivo não é dar o recurso financeiro. Nosso objetivo é dar oportunidade de estudo. Mas só fazemos isso se nós, jovens, cidadãos, pessoas que trabalham e que vivem nessa sociedade nos unirmos, reconhecendo as dificuldades, reconhecendo as desigualdades e combatê-las. E aí, professora Ivete, a senhora falou muito bem que a gente só faz... estou falando da professora Ivete pelos espaços que estamos juntas, ela ainda não falou aqui... mas ela sempre tem me ensinado que temos que reconhecer o racismo para a partir daí combatê-lo.

E por isso, a nossa Secretaria tem um programa de combate ao racismo institucional, que teve também na quinta-feira um evento em que a nossa promotora Livia Vaz esteve lá no alto de mulher negra contando a sua história, assim como a nossa procuradora, professora Livia. Isso, na verdade, são mais oportunidades que nos faltam, que as mulheres negras ocupem os espaços porque, como foi dito na peça, tenho uma gradação social do homem branco e a mulher branca, o homem negro e a mulher negra, mas são essas mulheres negras que são as chefes de famílias.

Quando estudamos o CadÚnico, que é esse cadastro nacional a partir do qual todos os benefícios municipais, estaduais e federais são concedidos, verificamos que são essas mulheres negras que chefiam as suas famílias e que têm a responsabilidade de liderar esse movimento, que é o movimento pela igualdade, pela oportunidade. Falamos aqui do esporte, mas também temos o equipamento chamado Cras – Centro de Referências e Assistência Social. São 28 na cidade, nos bairros em maior condição de vulnerabilidade social. Esse equipamento visa evitar a violação de direito, mas quando ela se dá, ela já existe, a gente precisa de um outro equipamento que é o Creas – Centro de Referências Especializado em Assistência Social.

No Cras vamos evitar o trabalho infantil, a violência contra a mulher, vamos verificar oportunidades de programas como PAIF – Programa de Atenção Integral à Família, para fortalecer os vínculos sociais e comunitários. No Creas a violação já aconteceu, a criança já está numa situação muito difícil e lá a gente vai verificar, entender, combater e de algum modo resolver. É lá também que os jovens que de algum modo saíram do que se esperava nessa sociedade, que estão cumprindo algum tipo de medida socioeducativa vão ter apoio de pedagogos, psicólogos e assistentes sociais, quer seja numa prestação de serviços comunitários, quer seja numa liberdade assistida.

Esse é o País que a gente vive, Nestor. Eu poderia passar o dia inteiro aqui falando de todas as ações da Secretaria, não vou fazer para não cansar mais. Mas quero dizer a vocês que se tenho de um lado a transferência de renda, se eu tenho de um lado o combate às desigualdades, tenho, por outro, agentes sociais rodando a cidade, reconhecendo cada necessidade, sendo treinados, para o apoio à primeira infância, por órgãos como o Unicef, que faz, juntamente com a Secretaria de Saúde, Lucimar, uma série de ações, como capacitar as famílias a cuidar dos seus filhos e valorizar a educação.

É neste ambiente e nesta sociedade plural, onde temos, por exemplo, um programa chamado Guerreira Zeferina, que homenageia uma mulher negra do Quilombo dos Urubus, que, com muita força cuidou do seu povo... E hoje a nossa cidade está dando como resposta a esse povo, na antiga Cidade dos Plásticos, um lindo empreendimento social, homenageando Zeferina.

Assim como tem a guerreira Zeferina, que tinha a oportunidade de estudar, sugiro que leiam sobre a história da Bahia e sobre a Revolta dos Malês, e vocês irão aprender muito, mas, sobretudo, que olhem a si, aos seus amigos e aos cidadãos, que nós, com muito amor, mas também com muita luta e muita força, poderemos ajudar a construir melhor este mundo.

Que Deus abençoe a todos nós. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Obrigada, secretária, parabéns pelo trabalho à frente.

É chegado o momento da entrega dos certificados. Eu vou fazer a leitura de um certificado, e depois vamos convidar as pessoas para receber, e vocês podem ver o vídeo, onde há uma breve história e o legado de cada um.

(Lê) *“Certificado: A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, através do seu Presidente, deputado Marcelo Nilo, o deputado estadual Luciano Simões Filho e o Presidente do PMDB Afro da Bahia, Nestor Neto, confere ao Sr. Ademir Santos o certificado de reconhecimento pelos serviços prestados à sociedade baiana. Salvador, 28 de novembro de 2016.”* (Palmas)

O mesmo certificado, ao Sr. Adriano Lima (palmas); Sr. Ailton Rodrigues (palmas); Sr. Albino Apolinário (palmas); Sr. Alex Sandro Pereira Correia (palmas); Sr^a Ana Paula Matos (palmas); nosso amigo Anderson Ninho (palmas); Sr. Antônio Carneiro (palmas); Sr. Antoniel de Sousa (palmas); Sr. Augusto Araújo (palmas); Sr. Carlos Eduardo Carvalho (palmas).

Elba Viviane; Daniela Alcântara; Deilson Serra; Sr. Edvaldo Santos; Sr^a Fátima Carteador; Sr^a Gisele Perez; Ivone Santos; Sr. João Fernandes Santos; Joildes Zacarias; Sr. Josué Veloso Soares; Sr^a Jussara Santana; Sr. Lázaro Machado; Sr. Leomar Borges; minha amiga Marcela Marques Lomanto; Sr. Marcos Antônio Sampaio; Mãe Diana de Oxum.

Sr^a Maria Lucimar Alves de Lira Rocha; Major Denice, representando o comandante-geral Anselmo Brandão, recebendo como comandante-geral também; Sr^a Marta Regiane; Sr^a Maria de Fátima Santos; Oilda Rejane; Paulina Teixeira; Sr. Robson Santana Dias; presidente Rui Oliveira; nosso amigo Ubaldo Caetano de Oliveira Neto; Sr^a Wanda Maria; bispo Widison e pastora Cássia; pastor Wilson Lima; e, finalmente, Sr^a Zildete Veloso Marinho da Silva; o Sr. Renato das Neves; Prof^a Vilma Bastos; Sr. Jorge Carvalho, Jorge Rasta; secretária Ivete Sacramento. Nestor está enciumado, porque faltou o Sr. Catarino. Agora, Sr. Catarino. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Dando continuidade à sessão, convido o Sr. Ailton para fazer o pronunciamento, representando todos os que foram agraciados aqui com o certificado. (Palmas)

O Sr. AILTON RODRIGUES:- Bom-dia a todos, ao Sr. Deputado Luciano Simões, que preside esta sessão. Em nome da Mesa, cumprimento a Prof^a Ivete.

Para mim, é uma grande honra estar aqui, sendo homenageado. O que foi retratado aqui mexe com a gente, porque somos o público-alvo de tudo o que foi colocado aqui pelo eminente professor e secretário da Educação, do qual tenho admiração, Dr. Joir Brasileiro. Eu sou advogado, formado em História. Toda a sua palestra aqui, os fundamentos históricos que mexem com a essência não só dos antecedentes, mas da historicidade do povo afrodescendente... mas não só isso. Quando o professor Joir Brasileiro retrata isso é aliado à simbologia da apresentação dos grupos aqui colocados pelos jovens que, na verdade, são símbolos de representatividades futuras, nós que vivemos à margem da vulnerabilidade social.

Digo sempre às pessoas que vivem em bairros periféricos, como eu vivo, que sei dessa realidade aqui, nesta área. Construí isso da minha vida. Aqui, trabalhei nesta Casa e na Governadoria. Moro aqui perto, colado ao Centro Administrativo, em Sussuarana. Sei da minha luta. Essa luta é real e igual à de cada um de nós. Vi vários irmãos serem mortos, famílias serem ceifadas. Essa realidade social só nos faz dar forças para essa conscientização, mas não só na questão de pensar, não: é agir, é reagir, é lutar. Não adianta criar políticas públicas se elas não são efetivadas. Nós temos de reagir. Essa reação parte de cada um de nós que vivemos a realidade.

Quando foi colocado aqui que algumas pessoas foram... Está aqui, você é o quê? Você é negro, está de branco, é pai de santo. Você não pode ser um médico? Como eu fui discriminado no Tribunal de Justiça: confundiram-me com um segurança.

Ora! Nós temos de reagir, como eu reagi, como nós reagimos a cada dia. Não é uma reação tímida, não. É uma reação consciente mesmo, radical. Dizer que somos, sim, lutadores e vitoriosos – e seremos sempre.

Agradeço por essa homenagem. Agradeço a Deus, pois este é o momento de luta. Essa luta continuará, porque sempre seremos vitoriosos.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Peço desculpas ao nosso Cerimonial. Temos alguns certificados de pessoas que estão presentes. Isso é só para completar a entrega.

(O Sr. Presidente procede à chamada nominal para a entrega do certificado.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Dando continuidade à sessão, concedo a palavra à secretária Municipal da Reparação, Sr^a Ivete Sacramento, para falar sobre a avaliação das políticas afirmativas desenvolvidas pela secretaria.

A Sr^a IVETE SACRAMENTO:- Cumprimento o nosso deputado Luciano Simões Filho e digo a ele que o que rege nossas vidas é algo superior, que é Deus. Cumprimentando o senhor, neste momento, cumprimento todos os parlamentares aqui presentes e toda a Mesa. Também na pessoa do nosso queridíssimo Nestor Neto, cumprimento todos os amigos, secretários, secretárias, Elísio Brasileiro, nosso bispo, nosso vereador, meu aluno, presidente da Fundação Palmares, Elísio. Cumprimento todos os meus companheiros e companheiras, desculpem a expressão, ativistas militantes, pessoas que lutam para ver um mundo melhor, e, principalmente, os homenageados.

Deputado, o senhor realizou aqui uma sessão eminentemente democrática. O senhor realizou uma sessão para homenagear o dia da Consciência Negra. E Nestor Neto teve a sensibilidade de separar as diferenças e unir todos pela causa. Esta sessão é uma demonstração de democracia.

Antes dizíamos que políticas públicas tinham dono, tinham um partido que era dono, ou vários partidos que eram donos. E nós mostramos aqui que a causa de combate ao racismo é de todos. É uma causa para todos. É uma questão que independe de religião, independe de partido político, independe até mesmo da cor da pele. (Palmas) É uma questão brasileira. Nós, como brasileiros, temos de assumir o combate ao racismo e à desigualdade inerente a partir da cor.

Como eu estou muito emocionada por ver aquilo que sempre sonhei, todos juntos combatendo o inimigo comum, que é o racismo. E na condição, hoje, de secretária Municipal da Reparação, temos um programa chamado *Programa de Combate ao Racismo Institucional*, um programa de Governo. E tenho muita honra de estar na gestão do prefeito ACM Neto com essas companheiras, na luta, porque quando falamos em saúde, falamos em combate ao racismo institucional na saúde, um dos lugares onde o negro morre porque não tem assistência suficiente. E na escolha de quem vai morrer, quem morre é o preto, é a preta.

Nessa linha de ação – e por isso você está sentada aí, Lucimar – temos uma conduta de dar o mesmo tratamento em qualquer localidade da cidade de Salvador, temos um modelo de posto de saúde.

E eu não quero falar somente do racismo de lá para cá. Eu quero falar nesse racismo que está em cada um de nós, porque nós fomos educados para ser racistas. A gente tem que, primeiro, entender como foi que esse racismo foi construído em nós, mesmo naqueles que têm pele negra, e poder combatê-lo. Neste momento, quero parabenizar a pessoa que aqui neste Plenário representa tudo que a gente vai ter que fazer e por quem fazer. Gostaria de que o jovem Renato Neves se levantasse. (Palmas) Renato Neves é um cidadão brasileiro, baiano, soteropolitano, de Ilha de Maré e quilombola. (Palmas)

Quem de nós conhece as 5 localidades quilombolas da cidade do Salvador? Tem gente que nem sabe onde é, e todo mundo fala em quilombola para lá, quilombola para cá, e não sabe nem o que é. Mas os quilombolas existem, são irmãos, são brasileiros com os mesmos direitos que nós temos. Estão ali perto, em Ilha de Maré. Estou falando de Salvador, para não falar do Brasil. E a gente fala de combater o racismo, e quem de nós conhece o próximo? Aquele que está ali sob a nossa mira e que, quotidianamente, nós – nós! – praticamos racismo contra ele. É por isso que tem o Dia da Consciência Negra.

Srs. Deputados e o Sr. Nestor, os senhores nos proporcionaram, ao trazer jovens das escolas públicas com a mensagem que faz com que a gente não precisa nem fazer mais discurso, porque aquela foi a mensagem. Essa peça é fruto da implementação da Lei nº 10.639, de ações afirmativas que efetivamente estão sendo praticadas nas escolas públicas. Agora, precisamos, sim, trazer a esta Casa, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, não só a presença física dos negros, mas as políticas públicas efetivas para alcançarmos os negros do Estado da Bahia.

Como poderemos trazer? Entendendo, compreendendo e estudando, deputado Luciano Simões, a problemática de combate ao racismo e promoção da igualdade, e

efetivamente fazendo executar a legislação que aí está e fazendo propostas efetivas. Desafio agora o senhor – não mandei o senhor me chamar – a fazer um projeto para os quilombolas da cidade do Salvador e do Estado da Bahia junto com a Fundação Palmares, que está aí. Então, desafio agora o senhor e o presidente da Fundação Palmares a observarem a problemática que os quilombolas do Estado da Bahia vivem hoje, porque nós precisamos mudar a legislação, e legislação é com esta Casa aqui. O senhor vai ser porta-voz desse projeto, como parte das comemorações da Semana da Consciência Negra de 2016.

Deus abençoe a todos nós. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Ainda temos alguns certificados a serem entregues. Sr. Cristiano Ramos, pastora Bárbara e a Dr^a Maria Luiza. (Palmas)

Concedo a palavra ao Sr. Marcos Sampaio para também agradecer pelo certificado.

O Sr. MARCOS SAMPAIO:- Eu queria, primeiro, agradecer ao deputado Luciano Simões, agradecer a Nestor Neto, saudar toda a Mesa, homens e mulheres que estão neste espaço, eu queria dizer que hoje, Nestor, esta sessão foi muito importante porque também se proporcionou aqui a possibilidade de pessoas comuns serem homenageadas. É raro pessoas comuns, cidadãos trabalhadores comuns, serem homenageados nessas Casas, nas Casas Legislativas, seja nos Municípios, nos Estados e também no Legislativo nacional.

Quero dizer que é muito importante a gente possa ver trabalhadores que fazem a luta e a militância no dia a dia serem homenageados, porque é também uma possibilidade de a gente demonstrar que é possível, sim, jovens da nossa cidade, do nosso Estado, serem aquilo que eles quiserem. É também uma forma de a gente demonstrar que na comunidade negra há advogados, médicos, doutores, que muitas das vezes são invisibilizados. Quando a gente fala, às vezes, de um médico, as pessoas não percebem ou não conseguem imaginar que é possível, sim, ter um negro sendo médico, um negro sendo doutor. Às vezes, quando alguém se apresenta como mestre ou como doutor, as pessoas questionam, perguntam: “Você é doutor mesmo?” A gente convive com isso no dia a dia.

Então, eu queria parabenizar o Nestor, o deputado e esta Casa pelas homenagens. Quero dizer que as homenagens têm que ser em vida para que as pessoas possam saborear e servirem de exemplo nos lugares onde elas vivem. É muito importante, porque, às vezes, a gente só recebe homenagens quando não está mais aqui nesta vida, e aí a gente fica até em dúvida para que serve essa homenagem, não é? Mas quero dizer que é muito importante, e que esta data se repita.

Por último, encerrando, acredito também, professora Ivete, que é uma luta nossa, algumas ações, mesmo de forma inconsciente, o acontecimento de uma audiência como esta, no dia de hoje, tudo é importante para a gente reafirmar que o Novembro é Negro e que pode ter, sim, o tal do Novembro Azul, mas ele não pode criar invisibilidade para uma luta que é histórica e ao momento que a gente vive no nosso País, de que as políticas afirmativas que levarão à igualdade são necessárias.

A gente tem visto a cada ano o tal do Novembro Azul, que poderia acontecer no mês de agosto, já que o mês de agosto é o mês dos pais, poderiam juntar e fazer um mês inteiro em homenagem a todos os homens e também ao cuidado com a saúde dos homens, mas é justamente numa data em que se faz a discussão dos retrocessos da sociedade e da necessidade de avançar é que se instala o Novembro Azul, e o Novembro Negro a cada dia vai perdendo a sua importância e o seu significado.

No mais, quero agradecer à Mesa e dizer que fiquei muito feliz e muito satisfeito com esta homenagem recebida no dia de hoje.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões):- Obrigado a você.

Neste momento, assistiremos a uma apresentação musical – voz e violão – com o Sr. Clodoaldo.

(Apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho):- Obrigado amigo.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiástica, das Sr^{as} e Srs. Deputados, da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão especial. (Palmas)

Muito obrigado a todos.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.